

Apresentação do II Encontro Interno da Casa da Árvore (12/07/2008)

A VISITA DE D. W. WINNICOTT À CASA DA ÁRVORE

Renata Mello

O que move este trabalho é uma inquietação sobre o modo como se processam as transformações subjetivas na Casa da Árvore. Constata-se nas experiências cotidianas que grande parte das crianças sofrem pela impossibilidade de serem elas mesmas. Do ponto de vista dinâmico, tais crianças parecem ter perdido o contato com elas próprias. Não percebem a força que possuem, a altura das suas vozes, seus próprios corpos, o impacto das suas ações, a dor que lhes acometem. A expressão do sofrimento se realiza por meio de respostas passionais e agressivas, respostas engatilhadas ao menor sinal de desapontamento. Defendem-se, com unhas, dentes e o que quer que esteja ao alcance das mãos, como se estivessem permanentemente sob a ameaça de morte. Além disso, criam situações de disputa e competição aparentemente desnecessárias, nas quais reiteram seus repertórios de defesa.

Tomando em consideração o contexto sócio-econômico da população em questão, observa-se ainda crianças atribuladas com estratégias de sobrevivência tanto subjetivas quanto objetivas, arrancadas muito precocemente do território lúdico. Suas famílias são em grande parte monoparentais, centralizadas na figura materna, às voltas com uma penca de filhos. Os pais, com frequência, diferentes entre os irmãos, foram embora de casa, faleceram ou sequer estiveram um dia presentes em suas vidas. Comumente, são encarregadas das tarefas domésticas, do cuidado com os irmãos menores, de se haver com as intermináveis quebras da continuidade familiar, de resolver incidentes urbanos

decorrentes do tráfico de drogas e, não raro, de contribuir para a renda familiar. Em paralelo, estudam e participam de atividades de reforço escolar.

A questão que se coloca é como uma criança pode fazer face às injunções da vida tão precocemente? Ou ainda, como pode se valer só num momento de dependência máxima do outro? Ora, em função da ausência de um entorno seguro, a criança se encontra obrigada a tomar para si a tarefa de proteção. Dada a imaturidade dos seus recursos internos, edifica uma “fortaleza psíquica” (McDougall, 1983, p. 11) contra as possíveis invasões externas, cuja finalidade consiste na preservação da própria existência. A defesa passa a ser a via privilegiada pela qual o psiquismo se constitui. Como desdobramento, nota-se uma dificuldade por parte da criança em ser afetado pelo que se produz no encontro com os objetos, o que parece justificar a inacessibilidade das nossas intervenções analíticas com as referidas crianças.

Diante desta problemática, convocamos imaginariamente a presença do psicanalista D. W. Winnicott para realizar uma visita à Casa da Árvore, com vistas a discutir sobre o nosso trabalho. A natureza e a substancialidade dos seus apontamentos partem do pressuposto de que a constituição da subjetividade humana é indissociável do ambiente. Imaginemos então a visita fictícia de Winnicott à Casa da Árvore.

A visita

De início, a nossa maior apreensão dizia respeito ao choque cultural de Winnicott ao adentrar numa favela do Rio de Janeiro, cuja população encontra-se expressivamente isolada tanto social quanto geograficamente. Em virtude do abandono das comunidades carentes por parte do poder público e da dominância maciça pelos traficantes locais, a própria chegada a favela demanda protocolos de conduta e cautela específicos. Marcas de

tiro nos muros das casas, grafites e pichações demarcando o território e o comando correspondente e, não raro, “trabalhadores” do tráfico empunhando armas, mostram um enredo de violência. Entretanto, sabíamos da “avidez por experiências” do nosso ilustre convidado (Winnicott, 1989, p. 4), algo que, sem dúvida, não faltaria em sua visita à Casa da Árvore. Outro elemento de preocupação era a barreira imposta pela língua. Por certo, a tradução para a língua inglesa de todas as conversas e brincadeiras ocorridas durante um dia de trabalho seria inviável. Desse modo, optamos por pedir ao Winnicott que realizasse uma apreciação qualitativa das situações ocorridas, posteriormente, significadas e discutidas à luz das suas concepções.

O psicanalista inglês chega numa sexta-feira de sua viagem Londres – Rio de Janeiro. Como era a sua primeira viagem à cidade, aproveita o final de semana para descansar e conhecer algumas paisagens cariocas. Desse modo, marcamos a sua ida à Casa da Árvore para segunda-feira. Com uma pontualidade britânica, passamos às treze horas para buscá-lo no hotel. De um jeito simpático e com uma linguagem bastante coloquial, ainda no trajeto em direção ao local, Winnicott nos diz que lhe agrada bastante a idéia de que “a criança pode ser curada no lar onde vive” (Winnicott, 1965b, p. 194). Embora as intervenções não se dêem no interior da casa de cada uma das crianças, certamente, o fato de nos situarmos na comunidade, denota uma adaptação de nossa parte à realidade delas. Trata-se ainda de um dispositivo terapêutico que lhes é oferecido sem demanda prévia, isto é, não fomos chamados pelos pais das crianças a fim de dispensar-lhes algum cuidado. Contamos com o apoio das Pastorais da Favela e/ou Associações dos Moradores em questão, porém, somos os maiores responsáveis pela inserção da ONG ali.

Ao chegar à favela, em meio à crueza e precariedade aparente do cenário, o psicanalista afirma que o próprio espaço físico da Casa da Árvore, composto por

brinquedos, bonecas, jogos, livros, materiais artísticos, traz em si a expectativa de novos encontros. Além disso, refere-se à regularidade e continuidade do funcionamento diário dos plantões, exceto nos fins de semana, como possibilidade de introduzir a criança num tempo e num espaço indispensáveis aos processos de subjetivação. Tempo e espaço próprios da infância que justamente não foram respeitados nos estágios iniciais da existência. Desse modo, prossegue Winnicott, favorecemos o desenvolvimento da crença na permanência dos objetos, ou ainda, a crença num mundo que pode conter que é preciso. Nas suas palavras: “é necessário que se edifique, no interior de cada criança, a crença em algo que não seja apenas bom, mas seja também confiável e durável, ou capaz de recuperar-se depois de se ter machucado ou perecido” (Winnicott, 1965a, p.44). A esse respeito, a abertura da Casa, plantão após plantão, bem como a inscrição do nome da criança no quadro-negro, nome apagado somente no dia seguinte, servem como pontos de acolhimento e referência estáveis para a criança.

Trata-se aqui da oportunidade de criar um “bom ambiente interno” (Winnicott, 1946, p. 132). Algumas crianças, inclusive, têm pela primeira vez tal oportunidade, outras tiveram, mas a perderam por conta de falhas traumáticas precoces. Winnicott nos fala que a criação de um “bom ambiente interno” se dá na margem da relação das crianças com os profissionais envolvidos no trabalho da Casa. Relação que não é rígida, mas viva e pessoal. Para tanto, basta estarmos sempre presentes e sermos coerentemente iguais a nós mesmos. Winnicott acredita que sem uma confiabilidade ambiental mínima, as potencialidades subjetivas da criança não podem se desenvolver (Winnicott, 1965a). A confiabilidade aqui não se reduz a um cuidado específico, mas, sobretudo, no modo como nos fazemos disponíveis, responsivos e interessados no bem-estar da criança. A confiabilidade, portanto, é humana e não mecânica. Além disso, como não existem duas crianças idênticas, se deve

estar sensivelmente atento às necessidades específicas de cada uma em constante processo de variação e amadurecimento.

Enquanto Winnicott discorre sobre a importância das condições ambientais, algumas crianças começam a brigar violentamente na porta da Casa da Árvore. A princípio, ele não entende o súbito alvoroço, mas explicamos que muitas crianças reagem de forma agressiva ao menor indício de contrariedade. Dessa vez, o motivo da disputa era uma cadeira que estava sendo usada por uma criança. O fato curioso é que existem várias cadeiras vagas no momento, porém, três crianças resolvem sentar na eleita especial. Após acompanhar a movimentação barulhenta das cadeiras de lá para cá, Winnicott nos diz que as crianças só são agressivas quando têm esperança no restabelecimento de um ambiente acolhedor, esperança de superar o intenso sofrimento. Nas suas palavras: “O comportamento anti-social nada mais é, por vezes, do que um SOS, pedindo o controle de pessoas fortes, amorosas e confiantes” (Winnicott, 1946, p. 131). Para tanto, o ambiente deve ser testado repetidamente em sua capacidade de suportar a agressividade, para impedir ou reparar a destruição, para tolerar o incômodo e para reconhecer o elemento positivo na turbulência. Interrompemos o discurso entusiasmado do psicanalista para dizer que nos momentos críticos sentimos raiva das destruições e xingamentos das crianças, raiva dos nossos esforços terapêuticos em vão, raiva por perdermos o controle. Winnicott retoma a palavra:

“Nesse momento, acho que – e espero que concordem comigo - a tarefa de vocês não é curar os sintomas ou pregar moralidade ou oferecer suborno. Sua tarefa é sobreviver. Neste contexto, a palavra sobreviver significa não só que vocês continuarão vivendo e que conseguirão passar por isso ilesos, mas também

que não serão provocados à retaliação” (Winnicott, 1970, p. 257).

Sendo assim, a palavra-chave não é tratamento ou cura, mas sobrevivência. Portanto, ainda que haja fracassos, temos que sobreviver a isso, a fim conquistar êxitos ocasionais. Perguntamos a Winnicott por que se faz necessário tudo isso? Por que a agressão incide sobre nós que justo sinalizamos com uma condição ambiental mais favorável? Winnicott responde que crianças que não tiveram o sentimento de segurança estabelecido nos primeiros tempos da infância buscam “fora de casa as quatro paredes” (Winnicott, 1946, p. 130). Uma vez obrigadas a reagir desde muito cedo no lugar de simplesmente ser, passam a carregar consigo a expectativa de maus encontros objetivos, isto é, a esperar pela decepção dos objetos. Ademais, crianças que não cresceram num ambiente acolhedor encontram dificuldades em estabelecer um dentro e um fora, um eu e um não-eu. Daí a necessidade de verificar a própria existência de um objeto confiável. Sendo assim, os objetos só se tornam reais e passíveis de uso após a sua sobrevivência à destruição. É, desse modo, que, aos poucos, a sobrevivência transforma a destrutividade em construtividade (emergência da capacidade de sentir responsabilidade pela destruição, importar-se com o outro diferenciado).

Winnicott interessa-se pela fala dos psicólogos dirigida às crianças durante as brigas e, de uma maneira geral, no decorrer do plantão. Expomos que na Casa da Árvore a conversa é sempre incentivada. Buscamos falar e discutir acerca das situações de conflito e impasses. Trata-se de um legado de Françoise Dolto, no tocante ao uso da “palavra verdadeira” com as crianças. A idéia é precisamente “falar a verdade do que sentimos e do que pensamos” ao estar com elas (Dolto, 2008, p. 53), colocar os fatos como eles são.

Winnicott explica que compreende e confere importância a possibilidade da criança ser reconhecida em seu funcionamento e de ter a sua história recapitulada por um outro. Mas, afirma que devemos atentar para que a nossa verdade espontânea não seja invasiva para as crianças. Comentamos que não é raro observar durante a nossa verbalização, crianças com as mãos nos ouvidos ou nos interrompendo com gritos, claramente, recusando tais palavras. Nesse caso, será que devemos ajustar a palavra ao gesto ou o gesto à palavra, interrogamos o psicanalista.

Winnicott pensa que há uma linguagem do cuidado, que não é feita apenas de palavras (Phillips, 2006). Isso não significa que as palavras apresentam uma menor importância, mas que em certas situações são irrelevantes (Winnicott, 1968). Nesse ponto, esclarecemos brevemente para o psicanalista que a “fala verdadeira” pressupõe uma identificação com a experiência vivida pela criança. Não se trata de um discurso imposto de maneira deslocada, mas de uma “vivência cúmplice”, cujo objetivo consiste na simbolização do sofrimento através das palavras.

Winnicott acrescenta que a simbolização também pode surgir como resultado de uma relação de acolhimento com o ambiente, que não exclui a palavra, e no contexto das experiências da própria criança. Tal relação permite um relaxamento das defesas e a possibilidade de se experimentar as intensidades afetivas (por exemplo, se existe um ódio dirigido contra o mundo, a saúde sobrevém quando este ódio é sentido). Aqui, portanto, a confiabilidade do analista pode ser mais importante do que suas revelações, pois, nessas condições, cria-se espaços de subjetivação (a subjetividade em estado potencial pode novamente se engendrar).

O plantão de segunda chega ao fim, enquanto reorganizamos a bagunça, ainda sob o impacto do dia-a-dia da Casa, Winnicott relembra o seu trabalho numa instituição de

assistência social para crianças evacuadas durante a guerra. Conta que no início, em suas visitas semanais ao alojamento, atendia um ou dois meninos de cada vez. Fazia uma entrevista minuciosa, que incluía interpretações reveladoras, mas, ainda assim, sentia que as suas tentativas de transformar as crianças eram inúteis. Só depois de um certo tempo, ele se deu conta que a terapia estava sendo feita na instituição pelas paredes, pelo telhado, pela estufa, pelas enormes banheiras aquecidas com carvão; como também, pelo cozinheiro, pela regularidade da chegada das refeições à mesa, pelas colchas coloridas da cama. Aqui Winnicott percebe que havia algo em psicoterapia que não se descreve em termos de interpretação correta e, que a ênfase, muitas vezes, recai sobre o suprimento total que é o ambiente. Nas suas palavras:

“Há muito crescimento que é crescimento para baixo. (...) Na década de trinta eu estava aprendendo a ser psicanalista e sentia que, com um pouco mais de treinamento, um pouco mais de habilidade e um pouco mais de sorte, poderia mover montanhas se fizesse as interpretações certas no momento certo. A certa altura, eu chegava a dizer que só poderia haver terapia na base dos 50 minutos cinco vezes por semana, durante tantos anos quantos fossem necessários, por um psicanalista bem treinado. (...) Quero simplesmente dizer que essa é uma espécie de começo. Mas, mais cedo ou mais tarde, começa o processo de crescer para menor e isso é doloroso no princípio, até nos habituarmos” (Winnicott, 1970, p. 249).

Certamente, muitas temáticas ainda ficaram para ser discutidas e aprofundadas, mas, outras visitas à Casa da Árvore serão feitas pelo psicanalista inglês ao longo da semana.

Referências Bibliográficas

McDougall, J. *Em defesa de uma certa anormalidade: teoria e clínica psicanalítica*. Porto Alegre: Artes médicas, 1983.

Phillips, A. *Winnicott*. São Paulo: Idéias e Letras, 2006.

Winnicott, C. (1989). D. W. W.: Uma reflexão por Claire Winnicott. In: *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott*. Porto Alegre: Artes médicas, 1994.

Winnicott, D. W. (1965a). Segurança. In: *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. (1965b). Sobre a criança carente e de como ela pode ser compensada pela perda da vida familiar. In: *A família e o desenvolvimento individual*. Op. Cit.

_____. (1946). Alguns aspectos psicológicos da delinquência juvenil. In: *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. (1970). Assistência residencial como terapia. In: *Privação e delinquência*. Op. Cit.

_____. (1968). A comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências. In: *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.